

## O LIVRO DE JÓ

 da Bíblia  
 (c. século V aC)

## Resumo da Narrativa

Embora de modo conjectural, estima-se a criação de “O Livro de Jó” no século seguinte ao do exílio babilônico, que ocorreu entre 587 aC e 538 aC. A obra está estruturada como um drama em três atos, antecidos de um prólogo e seguidos de um epílogo. O conjunto está dividido em quarenta e dois capítulos. Embora o ambiente da ação esteja impregnado de monoteísmo judaico, há boa chance de nem Jó, tampouco seus interlocutores serem judeus. A cidade de Hus, palco dos acontecimentos, estaria a leste da Palestina, possivelmente na Arábia. A tradução utilizada neste resumo é a do padre Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797). Segundo Northrop Frye, o “Livro de Jó” ocupa o lugar de “*um Gênesis poético e profético*”.

**PRÓLOGO***Virtude e prosperidade de Jó*

**1** Havia um varão na terra de Hus, por nome Jó, e era este um varão sincero, e reto, e que temia a Deus, e se retirava do mal. **2** E nasceram-lhe sete filhos, e três filhas. **3** E possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, e quinhentas juntas de bois, quinhentas jumentas, e família numerosíssima: e este varão era grande entre todos os orientais. **4** E seus filhos iam, e se banquetavam em suas casas, cada um em seu dia. E mandavam convidar as suas três irmãs para virem comer e beber com eles. **5** E tendo decorrido o turno de dias de banquete, mandava Jó chamar a seus filhos, e os purificava, e levantando-se de madrugada oferecia holocaustos por cada um deles. Porque dizia: Talvez que os meus filhos tenham pecado, e que tenham ofendido a Deus nos seus corações. Assim o fazia Jó todos os dias. **6** Mas um certo dia como os filhos de Deus se tivessem apresentado diante do Senhor, achou-se também entre eles Satanás. **7** E o Senhor lhe disse: Onde vens tu? Ele respondeu, dizendo: Girei a terra, e andei-a toda. **8** E o Senhor lhe disse: Acaso consideraste tu a meu servo Jó, que não há semelhante a ele na terra, varão sincero e reto, e que teme a Deus, e que se afasta do mal? **9** Satanás respondendo, disse: Acaso Jó teme debalde a Deus? **10** Não o circunvalaste tu a ele, e a sua casa, e a todos os seus bens, não tens abençoado as obras de suas mãos, e as suas possessões não têm crescido na terra? **11** Mas estende tu um pouco a tua mão, e toca em tudo o que ele possui, e verás se ele não te amaldiçoa na tua mesma cara. **12** Disse pois o senhor a Satanás: Olha, tudo o que ele tem está em teu poder: somente não estendas a tua mão contra ele, e Satanás saiu da presença do Senhor.

*Jó é uma pessoa boa e tem a vida abençoada. Satanás, que é denominado “filho de Deus”, desafia-O a testar Jó.*

*Primeira provação e resignação de Jó*

**13** E um dia em que seus filhos e filhas estavam comendo e bebendo vinho em casa de seu irmão primogênito, **14** veio ter com Jó um mensageiro, que lhe disse: Os bois lavraram, e as jumentas pastavam junto a eles, **15** e vieram sobre eles de repente os sabeus, e levaram tudo, e passaram à espada os criados, e só eu escapei para te trazer a nova. **16** E estando ainda este falando veio outro, e disse: Fogo de Deus caiu do céu, e ferindo as ovelhas, e aos pastores os consumiu, e escapei eu só para te trazer a nova. **17** Ainda este falava, e eis que chegou outro, e disse: Os caldeus se dividiram em três esquadrões, e se lançaram sobre os camelos, e os levaram, e até também passaram à espada os criados, e só eu escapei para te trazer a nova. **18** Ainda este estava falando, e eis que entrou outro, e disse: Estando teus filhos e filhas comendo e bebendo vinho em casa de seu irmão mais velho, **19** de repente se levantou um vento muito rijo da banda do deserto, e abalou os quatro cantos da casa, a qual caindo

*Satanás, autorizado por Deus, empobrece Jó e lhe tira a família, mas ele não reclama: “Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá.”*

<p>esmagou a teus filhos e morreram, e só eu escapei para te trazer a nova.</p> <p><b>20</b> Então se levantou Jó, e rasgou os seus vestidos, e, tosquiada a cabeça, prostrando-se em terra, adorou, <b>21</b> e disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá. O Senhor o deu, o Senhor o tirou: como foi do agrado do Senhor, assim sucedeu. Bendito seja o nome do Senhor. <b>22</b> Em todas estas coisas não pecou Jó pelos seus lábios, nem falou coisa alguma indiscreta contra Deus.</p>	
<p><i>A doença, segunda provação, e a visita dos amigos</i></p> <p><b>2</b> E sucedeu que em certo dia viessem os filhos de Deus: e apresentando-se diante do Senhor, veio também Satanás entre eles, e pôs-se na sua presença, <b>2</b> e disse o Senhor a Satanás: Donde vens tu? Ele respondeu, dizendo: Girei a terra, e andei-a toda. <b>3</b> E disse o Senhor a Satanás: Não tens considerado ao meu servo Jó, que não há outro semelhante a ele na terra, varão sincero e reto, e que teme a Deus, e que se retira do mal, e que ainda conserva a sua inocência? Mas tu me tens incitado contra ele para o afligir em vão. <b>4</b> E Satanás respondeu, dizendo: O homem dará pele por pele, e deixará tudo o que possui pela sua vida: <b>5</b> e senão estende a tua mão, e toca-lhe nos ossos e na carne, e então verás se ele te não amaldiçoa cara a cara. <b>6</b> Disse pois o Senhor a Satanás: Eis aqui ele está debaixo da tua mão, mas guarda a tua vida. <b>7</b> Tendo pois saído Satanás da presença do Senhor, feriu a Jó duma chaga maligna, desde a planta do pé até o alto da cabeça: <b>8</b> Jó assentado num monturo, raspava com um pedaço de telha a podridão. <b>9</b> E sua mulher lhe disse: Ainda tu perseveras na tua simplicidade? Louva a Deus e morre. <b>10</b> Jó lhe respondeu: Falaste como uma das mulheres tolas. Se nós temos recebido os bens da mão de Deus, por que não receberemos também os males? Em todas estas coisas não pecou Jó com os seus lábios.</p> <p><b>11</b> Portanto três amigos de Jó tendo ouvido todo o mal, que lhe havia sucedido, vieram cada um do seu lugar a verem-no, Elifaz de Teman, e Baldad de Suas<sup>1</sup>, e Sofar de Naamat. Porque se tinham ajustado para juntos o virem visitar, e para o consolarem. <b>12</b> Tendo pois de longe levantado os olhos, não o conheceram, e exclamando choraram, e rasgados os seus vestidos lançaram pó ao ar sobre as suas cabeças. <b>13</b> E se assentaram com ele na terra sete dias e sete noites, e nenhum lhe dizia palavra: porque viam que a dor era excessiva.</p>	<p><i>O demônio tira a saúde de Jó, mas ele não reclama: “Se nós temos recebido os bens da mão de Deus, por que não recebemos também os males?”.</i></p> <p><i>Amigos esperam sete dias e sete noites para tomar a iniciativa de falar com Jó.</i></p>
<p><b>I. DISPUTA DE JÓ COM OS AMIGOS</b></p> <p><i>Primeiro ciclo de discursos – Lamentações de Jó</i></p> <p><b>3</b> Depois disso abriu Jó a sua boca, e amaldiçoou o dia do seu nascimento, <b>2</b> e falou assim: <b>3</b> Pereça o dia em que eu fui nado, e a noite em que se disse: Foi concebido um homem. <b>4</b> Converta-se aquele dia em trevas. Deus desde o alto céu não olhe para ele, nem ele seja esclarecido pela luz. <b>8</b> Amaldiçoem-na (a noite solitária) aqueles que amaldiçoam o dia, e os que estão prontos para sucitar o Leviatã: <b>11</b> Por que não morri eu dentro do ventre de minha mãe, por que não pereci tanto que saí dele? <b>20</b> Por que foi concedida luz ao miserável, e vida aos que estão em amargura de ânimo? <b>21</b> Os que esperam a morte, e não lhes vem, conto os que cavam em busca de um tesouro: <b>22</b> E que ficam transportados de alegria quando acham o sepulcro. <b>26</b> Porventura não dissimulei? Não me calei? Não estive sossegado? E veio sobre mim a indignação.</p>	<p><i>Jó amaldiçoa o dia de seu nascimento.</i></p>
<p><i>Elifaz acusa Jó – primeiro discurso</i></p> <p><b>4</b> Então respondendo Elifaz de Teman, disse: <b>2</b> Se começarmos a falar-te, talvez que tu o leves de má mente, mas quem poderá conter a palavra concebida! <b>3</b> Eis aqui ensinaste a muitos, e deste vigor a mãos cansadas: <b>6</b> Onde está aquele teu temor, a tua fortaleza, a tua paciência, e a perfeição dos teus caminhos? <b>7</b> Lembra-te, te peço, que inocente pereceu jamais? Ou quando foram os justos destruídos? <b>8</b> Antes bem tenho visto, que os que otram iniquidade, e semeiam dores, e as segam, <b>9</b> pereceram a um assopro de Deus, e foram consumidos pelo espírito da sua ira.</p> <p><b>5 17</b> Bem-aventurado o homem a quem Deus corrige. Não desprezes pois a correção do</p>	<p><i>Elifaz acusa Jó de desprezar a correção do Senhor.</i></p>

<sup>1</sup> Nota do resumos: Este nome aparece com diferentes grafias ao longo do texto: Suas, Suíta, Suíta e Su.

<p>Senhor:</p> <p><i>Primeira resposta de Jó a Elifaz</i></p> <p><b>6</b> Jó pois respondendo, disse:</p> <p><b>2</b> Oxalá se pesassem numa balança os meus pecados, pelos quais mereci a ira: e a calamidade que padeço.</p> <p><b>3</b> Ver-se-ia que esta era mais pesada que a areia do mar: pelo que as minhas palavras estão também cheias de dor:</p> <p><b>24</b> Ensina-me, e eu me calarei: e se eu talvez ignorei alguma coisa, instruí-me.</p> <p><b>25</b> Porque murmurastes vós de umas palavras de verdade, não havendo de vós algum que me possa argüir?</p> <p><b>26</b> Compondes discursos somente com o fim de increpar, e proferis palavras ao vento.</p> <p><b>27</b> Arremeteis contra um pupilo, e esforçai-vos por arruinar o vosso amigo.</p> <p><b>28</b> Com tudo isso acabai o que começastes. Aplicai o ouvido, e vede se eu minto.</p> <p><b>29</b> Respondei vos peço sem contenda: e dizendo o que é justo, julgai.</p> <p><b>30</b> E não achareis iniquidade alguma na minha língua, nem na minha boca soará estultícia alguma.</p> <p><b>7</b> A vida do homem sobre a terra é uma guerra: e os seus dias são como os dias dum jornaleiro.<sup>2</sup></p> <p><b>2</b> Assim como o escravo deseja a sombra, e como o jornaleiro espera pelo fim do seu trabalho:</p> <p><b>5</b> A minha carne está coberta de podridão e de imundícia do pó, a minha pele se secou, e se encolheu.</p> <p><b>11</b> E por isso não reprimirei a minha língua, falarei na tribulação do meu espírito, conversarei com a amargura da minha alma.</p> <p><b>16</b> Perdi as esperanças, não viverei jamais. Perdoa-me, que nada são os meus dias.</p> <p><b>20</b> Pequei, que te farei eu, ó Libertador dos homens? Por que me puseste contrário a ti, e me tenho feito pesado a mim mesmo?</p> <p><b>21</b> Por que não me tiras o meu pecado, e por que não apagas a minha iniquidade? Eis aí vou agora dormir no pó: e se tu me buscares pela manhã, não subsistirei.</p>	<p><i>Jó insiste em que não tem pecado e pede que lhe apresentem as razões dos seus sofrimentos.</i></p>
<p><i>Primeiro discurso de Baldad contra Jó</i></p> <p><b>8</b> Respondendo pois Baldad Suita, disse:</p> <p><b>2</b> Até quando falarás tu semelhantes coisas, e as palavras da tua boca serão um espírito multiplicado?</p> <p><b>3</b> Porventura Deus perverte seus juízos? Ou o Todo-Poderoso destrói o que é justo?</p> <p><b>20</b> Deus não rejeitará ao homem sincero, nem dará a mão a malignos:</p> <p><b>21</b> Até que a tua boca se encha de riso, e os teus lábios de júbilo:</p> <p><b>22</b> Os que te aborrecem serão cobertos de confusão: e a casa dos ímpios não subsistirá.</p>	<p><i>Baldad associa-se com a tese de Elifaz de que os pecados são castigados com os males.</i></p>
<p><i>Primeira resposta de Jó a Baldad</i></p> <p><b>9</b> E respondendo Jó, disse:</p> <p><b>2</b> Eu sei verdadeiramente, que isto é assim, e que o homem comparado com Deus não é justo.</p> <p><b>3</b> E se quiser disputar com Deus, não lhe poderá responder por mil coisas uma sequer.</p> <p><b>20</b> Se eu pretender justificar-me, a minha boca me condenará: se mostrar-me inocente, Ele me convencerá de culpado.</p> <p><b>21</b> Ainda quando eu seja sincero, isto mesmo ignorará a minha alma, e me será tediosa a minha vida.</p> <p><b>22</b> Uma só coisa é que digo, Deus aflige assim o inocente como o ímpio.</p> <p><b>23</b> Se Ele fere, mate por uma vez, e não se ria das penas dos inocentes.</p> <p><b>24</b> A terra foi entregue nas mãos do ímpio, cobre com um véu os olhos dos seus juízos: se não é Deus, quem é logo?</p> <p><b>27</b> Quando disser: Já não falarei assim: mudo o meu rosto, e de dor me atormento.</p> <p><b>29</b> Mas se ainda assim sou um ímpio, porque trabalhei eu em vão:</p> <p><b>34</b> Tire Ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror.</p> <p><b>35</b> Falarei, e não temerei: porque eu não posso cheio de medo responder.</p>	<p><i>Jó diz que sua situação comprova a inexistência de retribuição: “Uma só coisa é que digo, Deus aflige assim o inocente como o ímpio.”</i></p>

<sup>2</sup> Nota do resumidor: “jornaleiro” significa aquele que trabalha por jornada diária.

<p><b>10</b> A minha alma tem tédio à minha vida, soltarei a minha língua contra mim, falarei na amargura da minha alma.</p> <p><b>2</b> Direi a Deus: Não me condenes. Mostra-me por que assim me julgas?</p> <p><b>14</b> Se eu pequei, tu me perdoaste na mesma hora. Por que não me permites tu que eu esteja limpo da minha iniquidade?</p> <p><b>15</b> Se for mau, desgraçado de mim: mas se for justo, não levantarei cabeça, farto de aflição e de miséria.</p> <p><b>20.</b> Porventura o pequeno número de meus dias não se acabará em breve? Deixa-me pois que eu chore um pouco a minha dor:</p> <p><b>21</b> Antes que vá, para não tornar, para aquela terra tenebrosa, e coberta da escuridade da morte:</p> <p><b>22</b> Terra de miséria, e de trevas, onde habita a sombra da morte, e não há nenhuma ordem, senão um sempiterno horror.</p>	
<p><i>Primeiro discurso de Sofar contra Jó</i></p> <p><b>11</b> Depois respondendo Sofar de Naamat, disse:</p> <p><b>2</b> Porventura o que fala muito, não ouvirá também? Ou bastará a um homem ser grande falador para justificar-se?</p> <p><b>5</b> E oxalá que Deus falasse contigo, e abrisse a sua boca,</p> <p><b>6</b> para te descobrir os segredos da sua sabedoria, e que a sua lei é de muitas maneiras, e que entendesse que é muito menos o com que Ele te castiga em comparação do que merece a tua maldade.</p> <p><b>11</b> Por que Ele conhece a vaidade dos homens, e vendo a iniquidade deles, acaso a considera?</p> <p><b>12</b> O homem vão eleva-se em soberba, e julga ter nascido livre, como a cria do asno montês.</p> <p><b>13</b> Mas tu endureceste o teu coração, e levantas-te a tua mão para Deus.</p>	<p><i>Sofar lembra que há pecados secretos.</i></p>
<p><i>Primeira resposta de Jó a Sofar</i></p> <p><b>12</b> Mas respondendo Jó, disse:</p> <p><b>2</b> Logo só vós sois homens, e convosco morrerá a sabedoria?</p> <p><b>3</b> Eu também tenho entendimento, como vós, e não vos sou inferior: pois quem ignora isto, que vós sabeis?</p> <p><b>9</b> Quem ignora que a mão de Deus fez todas estas coisas?</p> <p><b>10</b> Na sua mão está a alma de todo o vivente, e o espírito de toda a carne humana.</p> <p><b>13</b> A sabedoria e a fortaleza está em Deus, Ele possui o conselho e a inteligência.</p> <p><b>15</b> Se retiver as águas, tudo se secará: e se as largar, alagarão a terra.</p> <p><b>16</b> Nele residem a fortaleza e a sabedoria. Ele conhece assim ao que engana, como ao que é enganado.</p> <p><b>17</b> Ele conduz aos conselheiros a um fim imprudente, e conduz à estupidez aos juízes.</p> <p><b>18</b> Ele desata o boldrié aos reis, e cinge os seus rins com uma corda.</p> <p><b>19</b> Deixa ir aos sacerdotes sem glória, e abate aos magnates.</p> <p><b>20</b> Muda a linguagem aos que amam a verdade, e tira dos velhos a doutrina.</p> <p><b>21</b> Derrama desprezo sobre os príncipes, elevando outra vez aos que foram oprimidos.</p> <p><b>22</b> Ele tira das trevas o que estava escondido e põe em claro a sombra da morte.</p> <p><b>23</b> Ele multiplica as nações e as destrói, e depois de destruídas as restitui ao seu primeiro estado.</p> <p><b>24</b> Ele muda o coração dos príncipes do povo da terra, e os engana, para os fazer andar debalde por caminhos desviados.</p> <p><b>25</b> Andarão às apalpadelas como em trevas, e não em luz, e os fará desatinar como bêbados.</p> <p><b>13</b> Eis aqui todas estas coisas viu o meu olho, e ouviu o meu ouvido, e as compreendi todas.</p> <p><b>2</b> Isso que vós sabeis, também eu alcanço: e não vos sou inferior.</p> <p><b>4</b> Fazendo antes ver que vós sois uns forjadores de mentiras, fautores de perversos dogmas.</p> <p><b>5</b> E Oxalá que vós vos calásseis, para poderdes passar por sábios.</p> <p><b>6</b> Ouvi pois a minha correção, a atendei ao juízo dos meus lábios.</p> <p><b>7</b> Acaso necessita Deus das vossas mentiras, para que em sua defesa faleis</p>	<p><i>Jó declara que todos sabem que Deus é justo, mas por que deve o justo também sofrer? Por que tanto sofrimento para tão pequenas faltas?</i></p> <p><i>Jó diz que não é necessário que se inventem pecados para se justificarem os males.</i></p>

<p>dolosamente?</p> <p><b>14</b> Por que razão despedaço eu as minhas carnes com os meus dentes, e por que trago eu a minha vida nas minhas mãos?</p> <p><b>23</b> Quantas iniquidades e pecados tenho eu, mostra-me as minhas maldades e delitos.</p> <p><b>24</b> Por que escondes tu de mim o teu rosto, e por que me julgas tu teu inimigo?</p> <p><b>14</b> O homem nascido da mulher, que vive breve tempo, é cercado de muitas misérias.</p> <p><b>2</b> Que como flor sai e é pisado, e foge como a sombra, e jamais permanece num mesmo estado.</p> <p><b>3</b> E tu te julgas digno de abrir os teus olhos sobre este tal, e trazê-lo a juízo contigo?</p>	
<p><i>Segundo ciclo de discursos:</i> <i>Segundo discurso de Elifaz</i></p> <p><b>15</b> Mas respondendo Elifaz de Teman, disse:</p> <p><b>2</b> Porventura o sábio responderá como se falasse ao vento, e encherá de ardor o seu peito?</p> <p><b>3</b> Argúis com palavras àquele que não é teu igual, e falas o que não te convém.</p> <p><b>5</b> Porque a tua iniquidade ensinou a tua boca, e tu imitas a linguagem dos blasfemadores.</p> <p><b>9</b> Que sabes tu que nós ignoremos? Que entendes tu que nós não saibamos?</p> <p><b>13</b> Por que se incha o teu espírito contra Deus, para proferires por tua boca tão estranhos discursos?</p> <p><b>20</b> Em todos os seus dias o ímpio se ensoberbece, e o número dos anos da sua tirania é incerto.</p> <p><b>33</b> Será ferido como a vinha na sua primeira flor, e como a oliveira que deixa cair a sua flor.</p> <p><b>34</b> Porque tudo o que o hipócrita ajunta será estéril, e o fogo devorará as casas dos que gostam de receber presentes. <b>35</b> Ele concebeu dor, e pariu iniquidade e o seu coração inventa enganos.</p>	<p><i>Os amigos, usando elementos da tradição, insistem que Jó pecou, porque não pode haver outra explicação.</i></p>
<p><i>Segunda resposta de Jó a Elifaz</i></p> <p><b>16</b> Mas Jó respondendo, disse:</p> <p><b>2</b> Eu tenho ouvido muitas vezes semelhantes discursos, todos vós sois uns consoladores importunos.</p> <p><b>4</b> Eu também pudera falar como vós: e oxalá que a vossa alma estivera em lugar da minha.</p> <p><b>7</b> Mas que farei? Se eu falar, nem por isso se aplacará a minha dor: e se eu me calar, nem por isso me deixará ela.</p> <p><b>12</b> Deus me fechou debaixo do poder do injusto e me entregou nas mãos dos ímpios.</p> <p><b>13</b> Eu, aquele em outro tempo tão opulento, de repente fui reduzido a pó. Tomou-me pelo pescoço, quebrantou-me, e pôs-me por alvo dos seus tiros.</p> <p><b>14</b> Cercou-me com as suas lanças, atravessou-me os rins, não me perdoou, e derramou sobre a terra as minhas entranhas.</p> <p><b>15</b> Despedaçou-me com feridas sobre feridas. Lançou-se a mim como um gigante.</p> <p><b>16</b> Levo um cilício cosido sobre a minha pele, e cobri de cinza a minha carne.</p> <p><b>19</b> Terra, não cubras o meu sangue, nem os meus clamores achem lugar de se esconderem no teu seio.</p> <p><b>20</b> Porque eis aqui a minha testemunha está no céu, e nas alturas o que me conhece.</p> <p><b>21</b> Os meus amigos se desfazem em falar: mas o meu olho se desfaz em lágrimas diante de Deus.</p> <p><b>17</b> O meu espírito se vai atenuando, os meus dias se abreviam, e só me resta o sepulcro.</p> <p><b>2</b> Não pequei, e em amarguras se demoram os meus olhos.</p> <p><b>6</b> Ele me reduziu a ser como a fábula do povo, e estou feito diante deles um exemplo<sup>3</sup>.</p> <p><b>14</b> Eu disse à podridão: Tu és meu pai; e aos bichos, vós sois minha mãe, e minha irmã.</p> <p><b>15</b> Onde está logo agora a minha esperança, e quem considera a minha paciência?</p> <p><b>16</b> Todas as minhas coisas desceram ao mais profundo do sepulcro: e acaso crês tu que ao menos neste lugar terei eu descanso?</p>	<p>Jó diz que seus amigos não o consolam de verdade, porque nada pode aplacar-lhe a dor e sua única testemunha está no céu.</p>
<p><i>Segundo discurso de Baldad</i></p> <p><b>18</b> E respondendo Baldad Suíta, disse:</p> <p><b>2</b> Até quando direis palavras vãs? Entendei primeiro, e depois falaremos.</p>	<p><i>Baldad repreende Jó e descreve o estado do ímpio castigado,</i></p>

<sup>3</sup> Nota do resumidor: “Exemplo” aqui no sentido de “bode expiatório”.

<p><b>3</b> Por que havemos nós sido reputados por animais, e sórdidos nos vossos olhos?  <b>18</b> Lança-lo-á da luz para as trevas, e do mundo o transportará.  <b>19</b> Não subsistirá a sua linhagem, nem a sua posteridade no seu povo, nem relíquia alguma no seu país.  <b>20</b> No seu dia pasmarão os últimos, e aos primeiros invadirá o horror.  <b>21</b> Tais pois serão as moradas do iníquo, e tal o paradeiro daquele que não conhece a Deus.</p>	<p><i>comparando-o com o de Jó.</i></p>
<p><i>Segunda resposta de Jó a Baldad</i>  <b>19</b> E respondendo Jó, disse:  <b>2</b> Até quando afligireis a minha alma, e me atormentareis com os vossos discursos?  <b>3</b> Eis aí são já dez vezes que vós me quereis confundir, e não vos envergonhais de me oprimir.  <b>13</b> Pôs longe de mim a meus irmãos, e os meus conhecidos como estranhos se apartaram de mim.  <b>14</b> Os meus propínquos me desampararam: e os que me conheciam, esqueceram-se de mim.  <b>15</b> Os que moravam em minha casa, e as mesmas minhas servas me reputaram como um estranho, e fui como um peregrino nos seus olhos.  <b>16</b> Chamei a meu servo e ele não me respondeu, e por minha própria boca eu o rogava.  <b>17</b> Minha mulher teve horror do meu bafo, e tinha eu que rogar aos filhos das minhas entranhas.  <b>18.</b> Até os fátuos me desprezavam, e retirando-me deles, detraíam de mim.  <b>19</b> Os que noutro tempo eram meus conselheiros me tiveram em execração: e aquele a quem eu mais amava, me voltou as costas.  <b>20</b> À minha pele, consumidas as carnes, se pegaram os meus ossos, e só me restam os lábios ao redor dos meus dentes.  <b>22</b> Por que me perseguis, como Deus, e vos fartais das minhas carnes?  <b>25</b> Porque eu sei que o meu remidor vive, e que eu no derradeiro dia surgirei da terra:  <b>26</b> E serei novamente revestido da minha pele, e na minha própria carne verei a meu Deus.  <b>27</b> A quem eu mesmo hei de ver, e meus olhos hão de contemplar, e não outro: esta minha esperança está depositada no meu peito.  <b>28</b> Porque dizeis pois agora: persigamo-lo, e achemos raiz de palavras contra ele?  <b>29</b> Fugi pois de diante da espada, porque há espada vingadora das iniquidades: e sabeis que há juízo.</p>	<p><i>Jó lamenta que seus amigos estejam contra ele, como Deus está, mas confia na justiça divina.</i></p>
<p><i>Segundo discurso de Sofar</i>  <b>20</b> E respondendo Sofar de Naamat, disse:  <b>2</b> Por isso a mim me vêm pensamentos sobre pensamentos, e o meu espírito é arrebatado a diversas coisas.  <b>14</b> O seu pão nas suas entranhas se converterá interiormente em fel de áspides.  <b>15</b> Vomitará as riquezas, que devorou, e Deus lhas fará sair das entranhas.  <b>16</b> Chupará a cabeça de áspides, e a língua da víbora o matará.  <b>17</b> Jamais veja ele correntes de rio<sup>4</sup>, nem torrentes de mel, e de manteiga.  <b>18</b> Pagará tudo o que fez, mas nem por isso será consumido: segundo a multidão de seus embustes, assim será a sua pena.  <b>19</b> Porque oprimindo despia os pobres: roubou casas, e não as edificou.  <b>26</b> Todas as trevas estão escondidas no interior da sua alma: devorá-lo-á fogo, que não se acende, será penetrado de aflição o que ficar na sua tenda.  <b>27</b> Os céus revelarão a sua iniquidade, e a terra se levantará contra ele.  <b>28</b> Ficará ao desamparo o fruto da sua casa, será arrancado no dia do furor de Deus.  <b>29</b> Esta é a sorte que receberá de Deus o homem ímpio, e herança que haverá do Senhor pelas suas palavras.</p>	<p><i>Sofar acusa Jó de ter enriquecido ilegitimamente, como possível causa de seus males.</i></p>
<p><i>Segunda resposta de Jó a Sofar</i>  <b>21</b> E respondendo Jó, disse:  <b>2</b> Ouvi, vos peço, as minhas razões, e fazei penitência.  <b>4</b> Porventura é com um homem a minha disputa, para que não tenha motivo de angustiar-me?</p>	<p><i>Jó insiste na sua inocência e confirma que os ímpios morrem sem ser</i></p>

<sup>4</sup> Nota do resumidor: trata-se de correntes de rio “de óleo”.

<p><b>7</b> Por que razão pois vivem os ímpios, por que são exaltados, e crescem em riquezas?</p> <p><b>8</b> Seus filhos se conservam diante deles, à sua vista têm uma multidão de parentes, de netos.</p> <p><b>9</b> As suas casas estão seguras, e em paz, e a vara de Deus não está sobre eles.</p> <p><b>10</b> A sua vaca concebeu, e não abortou: pariu a sua vaca, e não se lhe malogrou a sua cria.</p> <p><b>11</b> Saem como as manadas os seus filhos, e os seus pequenos saltam, e brincam.</p> <p><b>12</b> Levam pandeiro, e alaúde, saltam ao som dos instrumentos músicos.</p> <p><b>13</b> Eles passam os seus dias em prazeres, e num momento descem à sepultura.</p> <p><b>14</b> Estes são os que disseram a Deus: Retira-te de nós, pois nós não queremos conhecer os teus caminhos.</p> <p><b>15</b> Quem é o Todo-Poderoso para que o sirvamos? E que nos aproveita que lhe façamos orações?</p> <p><b>27</b> Eu conheço bem os vossos pensamentos, e injustos juízos contra mim.</p> <p><b>28</b> Por que vós dizeis: Onde está a casa deste príncipe, e onde as tendas dos ímpios?</p> <p><b>34</b> Como pois me consolais em vão, tendo-se visto que as vossas respostas se opõem à verdade?</p>	<p><i>perturbados, denunciando o princípio da retribuição.</i></p>
<p><i>Terceiro ciclo de discursos</i>  <i>Terceiro discurso de Elifaz</i></p> <p><b>22</b> E respondendo Elifaz de Teman, disse:</p> <p><b>2</b> Acaso pode o homem ser comparado com Deus, ainda quando ele fosse de uma ciência consumada?</p> <p><b>3</b> De que serve a Deus que tu sejas justo? Ou que lhe acrescentas, se for sem mácula o teu caminho?</p> <p><b>4</b> Acaso temeroso te argüirá, ou entrará contigo em juízo,</p> <p><b>5</b> e não antes pela tua grandíssima malícia, e pelas tuas inumeráveis maldades?</p> <p><b>6</b> Porque tu sem causa tiraste os penhores a teus irmãos, e aos nus despojaste dos seus vestidos.</p> <p><b>7</b> Negaste água ao fatigado, e tiraste pão ao faminto.</p> <p><b>8</b> Com a força de teu braço possuías a terra, e como mais poderoso te levantavas com ela.</p> <p><b>9</b> Despediste as viúvas sem socorro, e os braços dos órfãos quebrantaste.</p> <p><b>21</b> Submete-te pois a Ele, e terás paz; e assim colherás mui excelentes frutos.</p>	<p><i>Elifaz especula sobre as faltas em que Jó teria necessariamente incorrido.</i></p>
<p><i>Terceira resposta de Jó a Elifaz</i></p> <p><b>23</b> E respondendo Jó, disse:</p> <p><b>2</b> Ainda agora estão em amargura as minhas palavras, e a violência da minha chaga se agravou sobre o meu gemido.</p> <p><b>3</b> Quem me dera que o conhecesse, e o achasse, e eu chegasse até ao seu trono?</p> <p><b>4</b> Exporia ante Ele a minha causa, e encheria a minha boca de queixas.</p> <p><b>7</b> Proponha contra mim a equidade, e chegará à vitória o meu juízo.</p> <p><b>13</b> Porque Ele é só, e ninguém pode inverter seus pensamentos: e a sua vontade tudo o que quis, isso fez.</p> <p><b>24</b> Ao Todo-Poderoso os tempos não são ocultos: mas os que o conhecem a Ele, ignoram os seus dias.</p> <p><b>20</b> A misericórdia se esqueça dele. Os bichos sejam a sua doçura. Não haja dele memória, mas seja feito em pedaços como árvore que não dá fruto.</p> <p><b>25</b> Se isso não é assim, quem me poderá convencer de mentira, e acusar as minhas palavras diante de Deus?</p>	<p><i>Jó diz que quer ir ao tribunal para ser julgado, mas não consegue encontrá-lo.</i></p> <p><i>Como conciliar as injustiças do mundo com a bondade de Deus?</i></p>
<p><i>Terceiro discurso de Baldad</i></p> <p><b>25</b> E respondendo Baldad Suíta, disse:</p> <p><b>2</b> O poder e o terror estão na mão daquele que mantém a concórdia nas suas alturas.</p> <p><b>3</b> Porventura têm número os seus soldados? E sobre quem não surgirá a sua luz?</p> <p><b>4</b> Acaso pode justificar-se o homem, comparado com Deus, ou aparecer puro o que nasceu da mulher?</p> <p><b>5</b> Eis aí que a mesma lua não resplandece, e as mesmas estrelas não são limpas na sua presença:</p> <p><b>6</b> Quanto menos o homem que é podridão, e o filho do homem que é um bichinho?</p>	<p><i>Baldad argumenta que Deus governa com sabedoria o incontável exército dos astros, logo por que não faria o mesmo com a terra?</i></p>
<p><i>Terceira resposta de Jó a Baldad</i></p>	

<p><b>26</b> E respondendo Jó, disse:  <b>2</b> De quem és tu ajudador? Porventura do fraco? e sustentas o braço daquele que não tem força?  <b>14</b> Eis aqui, isto é uma parte dos seus caminhos, e se apenas temos ouvido uma pequena gota do que dele se pode dizer, quem poderá compreender o trovão da sua grandeza?</p>	
<p><i>Resposta coletiva de Jó aos amigos</i>  <b>27</b> Acrescentou também Jó, continuando a sua parábola e disse:  <b>2</b> Vive Deus, que desviou a minha causa, e o Onipotente, que trouxe à amargura a minha alma.  <b>3</b> Porque enquanto em mim houver alento, e o Espírito de Deus nos meus narizes,  <b>4</b> não falarão os meus lábios iniquidade, nem a minha língua inventará uma mentira.  <b>5</b> Guarde-me Deus de vos ter por justos: Enquanto eu viver, não me apartarei da minha inocência.</p>	<p>Jó diz que não pode confessar os pecados que não tem.</p>
<p><i>Elogio à Sabedoria</i>  <b>28</b> A prata tem um princípio das suas veias: o ouro tem um próprio lugar onde se forma.  <b>2</b> O ferro tira-se da terra: e a pedra derretida no fogo torna-se em metal.  <b>12</b> Mas a sabedoria onde se acha ela? E qual é o lugar da inteligência?  <b>13</b> O homem não conhece o seu preço, nem ela se acha na terra dos que vivem em delícias.  <b>14</b> O abismo diz: Ela não está em mim. E o mar publica: Ela não está comigo.  <b>18</b> Quanto há grande e elevado, não se nomeará em comparação dela: mas a sabedoria se tira de coisas ocultas.  <b>20</b> De onde vem pois a sabedoria? E qual é o lugar da inteligência?  <b>28</b> E disse ao homem: Eis aí o temor do Senhor, ele é a mesma sabedoria. E apartar-se do mal, é a inteligência.</p>	<p><i>O espírito humano pode operar maravilhas com suas indústrias, mas a sabedoria vem de Deus.</i></p>
<p><i>Monólogo final de Jó</i>  <b>29</b> Acrescentou também Jó, continuando a sua parábola, e disse:  <b>2</b> Quem me dera ser como eu fui nos meses antigos, como nos dias em que Deus me guardava?  <b>3</b> Quando a sua lâmpada luzia sobre a minha cabeça, e quando eu guiado pela sua luz caminhava nas trevas?  <b>4</b> Como fui nos dias da minha mocidade, quando Deus habitava secretamente em minha casa?  <b>5</b> Quando o Todo-Poderoso estava comigo: e os meus filhos em torno de mim?  <b>6</b> Quando eu lavava os meus pés em manteiga, e quando a pedra derramava para mim arroios de azeite?  <b>7</b> Quando eu saía até a porta da cidade, e me preparavam uma cadeira na praça pública?  <b>8</b> Viam-me os mancebos, e se escondiam: e os velhos, levantando-se, se punham em pé.  <b>9</b> Os príncipes cessavam de falar, e punham o dedo sobre a sua boca.  <b>10</b> Os maiores continham a sua voz, e a sua língua ficava pegada ao seu paladar.  <b>11</b> A orelha que me ouvia, chamava-me bem-aventurado, e o olho que me via dava testemunho de mim.  <b>12</b> Porque eu tinha livrado o pobre que gritava, e o órfão, que não tinha quem o socorresse.  <b>13</b> A bênção do que estava a perecer vinha sobre mim, e consolei o coração da viúva.  <b>14</b> Eu me revesti da justiça: e a equidade me serviu, como de vestido e de diadema.  <b>15</b> Eu fui o olho do cego, e o pé do coxo.  <b>16</b> Eu era o pai dos pobres: e as causas de que eu não tinha conhecimento, eu me instruí delas com toda a diligência.  <b>17</b> Eu quebrava os queixos do iníquo, e tirava-lhe a presa dentre os dentes.  <b>18</b> E eu dizia: Eu morrerei no meu ninhozinho, e multiplicarei os meus dias como a palmeira.  <b>19</b> A minha raiz descoberta está junto às águas, e na minha seara fará assento o orvalho.  <b>20</b> A minha glória sempre se renovará, e o meu arco se fortificará na minha mão.  <b>21</b> Os que me ouviam, esperavam a minha sentença, e em silêncio estavam atentos ao meu conselho.  <b>22</b> Não ousavam ajuntar nada às minhas palavras, e minhas razões caíam sobre eles como orvalho.  <b>23</b> Esperavam-me como a chuva, e abriam a sua boca como as águas tardias.</p>	<p><i>Jó compara sua feliz vida pregressa com sua desgraça atual e reafirma sua inocência.</i></p>



**24** Se alguma vez me ria com eles, não o criam, e a luz do meu rosto não caía no chão.  
**25** Se eu queria ir vê-los, assentava-me no primeiro lugar: quando eu estava assentado como um rei, rodeado de guardas, era todavia o consolador dos aflitos.

**30** Porém agora zombam de mim os de menos idade, cujos pais noutro tempo não me dignaria eu por com os cães do meu rebanho.  
**2** Aqueles, cuja força de mãos reputava eu em nada, e eram estimados como indignos de viver.  
**3** Estéreis pela pobreza e pela fome, que andavam roendo pelo deserto, esqueléticos pela calamidade e pela miséria.  
**4** E comiam ervas, e cascas de árvores, e que se sustentavam das raízes dos juníperos.  
**5** Que arrebatando dos vales estas coisas, logo que as achavam, corriam a elas com gritaria.  
**6** Habitavam nas concavidades dos rios e nas cavernas da terra, ou sobre os penhascos.  
**7** Que achavam a sua alegria entre tais coisas, e reputavam por delícia estar debaixo dos espinhos.  
**8** Filhos de gente insensata e desprezível, e que nem ainda aparecem na terra.  
**9** Agora tenho chegado a ser a sua canção e me tenho feito objeto dos seus escárnios.  
**10** Eles me abominam e fogem para longe de mim, e não receiam cuspir-me no rosto.  
**11** Porque abriu a sua aljava e me afligiu, e pôs um freio na minha boca.  
**12** Logo que comecei a aparecer se levantaram à minha destra as minhas calamidades: transtornaram os meus pés, e me oprimiram com as suas veredas, como com ondas.  
**13** Desbarataram-me os meus caminhos, armaram-me traições, e prevaleceram, e não houve quem me socorresse.  
**14** Como na brecha de uma muralha, e por uma porta aberta se lançaram sobre mim, e me vieram acabar na minha miséria.  
**15** Reduzido me vejo a um nada, arrebataste o meu desejo como vento: e como nuvem passou a minha saúde.  
**16** E agora dentro de mim mesmo se murcha a minha alma, e me possuem dias de aflição.  
**17** De noite os meus ossos são traspassados de dores: e os que me devoram não dormem.  
**18** Com a multidão destes se consome o meu vestido, e me cercaram como com cabeça de túnica.  
**19** Sou comparado ao lodo, e sou semelhante ao pó e à cinza.  
**20** Clamo por ti e não me ouves: ponho-me diante de ti e não olhas para mim.  
**21** Trocaste-te em severo para comigo, e na dureza da tua mão te mostras inimigo para comigo.  
**22** Elevaste-me, e como pondo-me sobre o vento, me arrojaste com violência.  
**23** Sei que me entregarás à morte, onde há casa estabelecida para todo o vivente.  
**24** Mas não estendes a tua mão para consumi-los inteiramente: e se caírem, tu mesmo os salvarás.  
**25** Eu chorava algum dia sobre aquele que estava aflito: a minha alma se compadecia do pobre.  
**26** Esperava bens, e vieram-me males: esperava a luz e saíam trevas.  
**27** As minhas entranhas ferveram sem descanso algum: os dias da aflição me surpreenderam.  
**28** Caminhava triste, mas sem furor: levantando-me gritava no meio da gente.  
**29** Fui irmão de dragões, e companheiro de avestruzes.  
**30** Denegrada está a minha pele sobre mim, e os meus ossos se secaram pelo ardor.  
**31** A minha cítara se trocou em tristes lamentos, e o meu órgão nas vozes dos que choram.

**31** Fiz concerto com os meus olhos de certamente não cogitar, nem ainda em uma virgem.  
**2** Pois que parte teria Deus em mim lá de cima, e que herança o Onipotente desde as alturas?  
**3** Porventura não há perdição para o malvado, e estranheza para os que obram injustiça?  
**4** Porventura não considera Ele os meus caminhos, e conta todos os meus passos?  
**5** Se caminhei em vaidade, e se se apressou meu pé para o engano;  
**6** Pese-me Deus em balança justa, e conheça a minha singeleza.  
**7** Se os meus pés se desviaram do caminho, e se o meu coração seguiu os meus olhos, e

*Jó faz confissão  
“negativa” das  
faltas que não  
cometeu.*

<p>se às minhas mãos se pegou mácula.</p> <p><b>8</b> Semeie eu, e o outro o coma: e seja a minha descendência arrancada até à raiz.</p> <p><b>9</b> Se o meu coração foi seduzido por causa de mulher, e se eu armei traições à porta do meu amigo:</p> <p><b>10</b> Seja minha mulher desonestada por outro, e prostitua-se à paixão de outros.</p> <p><b>11</b> Porque este é um crime enorme, e uma grandíssima maldade.</p> <p><b>12</b> É fogo que consome até ao extermínio, e que desarraiga até às mais pequenas vergôntes,</p> <p><b>13</b> Se eu me dedignei de entrar em juízo com o meu servo, ou com a minha serva, quando eles disputavam contra mim.</p> <p><b>14</b> Pois que farei quando Deus se levantar para me julgar? E quando me perguntar, que lhe responderei?</p> <p><b>15</b> Porventura o que me formou no ventre a mim, não o criou também a ele: e não foi um que nos formou no ventre da mãe?</p> <p><b>16</b> Se neguei aos pobres o que queriam, e se fiz esperar os olhos da viúva.</p> <p><b>17</b> Se comi sozinho o meu bocado, e se o órfão não comeu dele:</p> <p><b>18</b> (Porque desde a minha infância cresceu comigo a comiseração: e do ventre de minha mãe saiu comigo).</p> <p><b>19</b> Se desprezei ao que perecia, porque não tinha de que vestir-se, e ao pobre que não tinha com que cobrir-se:</p> <p><b>20</b> Se os seus membros me não amaldiçoaram, e não se aqueitou com os velos das minhas ovelhas:</p> <p><b>21</b> Se eu levantei a minha mão contra o ainda quando me via superior na porta:</p> <p><b>22</b> Caia o meu ombro da sua juntura, e quebre-se o meu braço com os seus ossos.</p> <p><b>23</b> Porque eu sempre temi a Deus como a umas ondas, que gravitavam sobre mim, e eu não pude suportar o seu peso.</p> <p><b>24</b> Se eu julguei que o ouro era a minha força, e se eu disse ao ouro mais puro: Tu és minha confiança.</p> <p><b>25</b> Se eu me alegrei com as minhas grandes riquezas, e com os grandes bens que ajuntei pela minha mão.</p> <p><b>26</b> Se eu olhei para o sol no seu luzimento, e para a lua quando caminhava com claridade:</p> <p><b>27</b> E o meu coração sentiu algum oculto contentamento, e beijei a minha mão com a minha boca.</p> <p><b>28</b> O que é o sumo da iniquidade, e um renunciar ao altíssimo Deus.</p> <p><b>29</b> Se eu folguei com a ruína daquele que me tinha ódio, e se eu exultei com o mal que lhe sobreveio.</p> <p><b>30</b> Pois não permiti que pecasse a minha garganta, demandando com imprecações a sua morte.</p> <p><b>31</b> Se as pessoas da minha casa não disseram: Quem nos dará da sua carne para nos fartarmos dela?</p> <p><b>32</b> O peregrino não ficou de fora, a minha porta esteve aberta para o viandante.</p> <p><b>33</b> Se encobri como homem o meu pecado, e ocultei no meu coração a minha iniquidade.</p> <p><b>34</b> Se a grande multidão me aterrou, ou se eu fiquei atemorizado pelo desprezo que de mim faziam os meus parentes: e se eu pelo contrário não me conservei em silêncio, sem sair da minha porta.</p> <p><b>35</b> Quem me dera um que me ouvisse, e que o Onipotente escutasse os meus desejos: e que escrevesse o livro o mesmo que julga.</p> <p><b>36</b> Para levá-lo sobre o meu ombro, e rodear-me com ele como coroa?</p> <p><b>37</b> Cada um dos meus passos o publicarei, e lho apresentarei como a príncipe.</p> <p><b>38</b> Se a terra que eu possuo clama contra mim e se os seus regos choram com ela:</p> <p><b>39</b> Se comi seus frutos sem dinheiro, e se afligi o coração dos que a cultivaram:</p> <p><b>40</b> Ela me produza abrolhos em lugar de trigo, e espinhos em lugar de cevada.</p> <p><i>Findaram as palavras de Jó.</i></p>	
<p><b>II. DISCURSOS DE ELIÚ</b></p> <p><i>Primeiro discurso: Pedagogia do sofrimento</i></p> <p><b>32</b> Cessaram porém estes três homens de responder a Jó, porque se tinha por justo.</p> <p><b>2</b> Mas Eliú, filho de Baraquel de Buz, da família de Ram, se irou, e encheu de cólera: e inflamou-se em ira contra Jó, porque dizia que ele era justo diante de Deus. <b>3</b> Irritou-se</p>	<p><i>O trecho com a aparição da personagem Eliú foi provavelmente inserido depois.</i></p>

<p>também contra os seus amigos, por não terem achado resposta conveniente, senão que somente haviam condenado a Jó <b>4</b> Eliú pois esperou que Jó falasse: porquanto eram mais velhos os que haviam falado. <b>5</b> Mas como viu que os três lhe não puderam responder, se indignou fortemente.</p> <p><b>6</b> E respondendo Eliú, filho de Baraquel de Buz, disse: Sou o mais moço em idade, e vós mais provectos; portanto abaixando a minha cabeça, não me atrevi a expor-vos o meu parecer.</p> <p><b>7</b> Porque esperava que falasse a idade mais provecta, e que os muitos anos ensinassem sabedoria.</p> <p><b>8</b> Mas, pelo que vejo, o espírito está nos homens, e a inspiração do Todo-Poderoso dá a inteligência.</p> <p><b>9</b> Não são os sábios os de muita idade, nem os anciãos os que julgam o que é justo.</p> <p><b>10</b> Portanto falarei: ouvi-me, eu vos mostrarei também a minha sabedoria.</p> <p><b>33</b> Ouve pois, Jó, as minhas palavras, e escuta todos os meus discursos.</p> <p><b>8</b> Disseste pois nos meus ouvidos, e ouvi a voz das tuas palavras:</p> <p><b>9</b> Eu estou limpo e sem pecado. E estou sem mácula, e em mim não há iniquidade.</p> <p><b>10</b> Porque Deus achou contra mim queixas, por isso me considerou como seu inimigo.</p> <p><b>11</b> Pôs os meus pés no cepo, e observou todas as minhas veredas.</p> <p><b>12</b> Isto pois é, no que tens mostrado que não és justo; responder-te-ei, que Deus é maior do que o homem.</p> <p><b>17</b> Para apartar o homem daquilo que faz e para o livrar da soberba:</p> <p><b>18</b> Salvando a sua alma de corrupção: e a sua vida, para que não passe por espada.</p> <p><b>19</b> Corrige-o também por meio das dores na cama, e faz que todos os seus ossos se mirrem.</p> <p><b>31</b> Atende, Jó, e ouve-me: e cala-te, enquanto eu falo.</p> <p><b>32</b> Se contudo tens alguma coisa que dizer, responde-me, fala: porque quero que compareças justo.</p> <p><b>33</b> se não a tens, ouve-me: cala-te, e eu te ensinarei a sabedoria.</p>	<p><i>Eliú defende a completa transcendência da sabedoria divina, dizendo usar de argumentos diferentes dos amigos, mas recorre também à doutrina tradicional.</i></p>
<p><i>Segundo discurso: Deus é justo</i></p> <p><b>34 11</b> Porque Ele pagará ao homem a sua obra, recompensará a cada um segundo os seus caminhos.</p> <p><b>12</b> Porque certamente Deus não condenará sem razão, nem o Onipotente atropelará a justiça.</p> <p><b>17</b> Acaso pode ser curado aquele que não ama a justiça? E como condenas tu tão afoitamente aquele, que é o justo?</p> <p><b>34</b> Falem-me homens inteligentes, e ouça-me um homem sábio.</p> <p><b>35</b> Mas Jó falou nesciamente, e as suas palavras não soam boa doutrina.</p> <p><b>36</b> Pai meu, seja provado Jó até ao fim: não retires a tua mão de um homem iníquo.</p> <p><b>37</b> Porque ajunta a blasfêmia sobre os seus pecados, entrementes nós o apertemos: e depois apele para o juízo de Deus nos seus discursos.</p>	<p><i>Eliú acha que a queixa de Jó é uma blasfêmia, porque Deus não poderia não ser justo.</i></p>
<p><i>Terceiro discurso: vantagens da virtude</i></p> <p><b>35</b> Mas Eliú de novo falou desta maneira:</p> <p><b>2</b> Parece-te acaso justo o teu pensamento, quando disseste: Mais justo sou eu que Deus?</p> <p><b>3</b> Porque tu disseste: O que é justo não te agrada. Ou que conveniência tiras tu, se eu pecar?</p> <p><b>7</b> Demais disso se obrares com justiça, que lhe darás? Ou que receberá Ele da tua mão?</p> <p><b>8</b> A tua impiedade poderá fazer mal a um homem, que é teu semelhante: e a tua justiça poderá ser útil ao filho do homem.</p>	<p><i>Eliú continua contestando a idéia de que a virtude não aproveita ao homem neste mundo.</i></p>
<p><i>Quarto discurso: submissão a Deus</i></p> <p><b>36</b> E acrescentou Eliú, e falou assim:</p> <p><b>2</b> Escuta-me um pouco, e eu me explicarei contigo: porque ainda tenho que falar em defesa de Deus.</p> <p><b>3</b> Tornarei a pegar no discurso que eu fazia desde o princípio, e provarei que o meu Criador é justo.</p> <p><b>10</b> E lhes abrirá também o seu ouvido para os repreender: e lhes falará, para que se convertam da sua iniquidade.</p> <p><b>11</b> Se ouvirem e cumprirem, acabarão os seus dias em bem, e os seus anos em glória:</p>	<p><i>Eliú mostra que a sabedoria divina usa o sofrimento para purificar o homem, sobretudo os orgulhosos como Jó.</i></p>

<p><b>12</b> Porém se não ouvirem passarão por espada, e serão consumidos na sua sandice.</p> <p><b>37 14</b> Ouve, Jó, estas coisas: Pára, e considera as maravilhas de Deus.</p> <p><b>15</b> Acaso sabes tu, quando mandou Deus às chuvas, que fizessem aparecer a luz das suas nuvens?</p> <p><b>16</b> Porventura conheces as grandes veredas das nuvens, e as suas perfeitas inteligências?</p> <p><b>23</b> Não podemos compreendê-lo como merece: grande em fortaleza, e em juízo, e em justiça, e Ele é inefável.</p> <p><b>24</b> Por isso o temerão os homens, e não ousarão contemplá-lo todos aqueles que se persuadem de ser sábios.</p>	
<p><b>III. APARIÇÃO DIVINA</b>  <i>Primeiro discurso do Senhor</i></p> <p><b>38</b> E respondendo o Senhor a Jó, do meio de um redemoinho, disse:</p> <p><b>2</b> Quem é este, que mistura sentenças com discursos ignorantes?</p> <p><b>3</b> Cinge os teus lombos como homem. Perguntar-te-ei, e responde-me.</p> <p><b>4</b> Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se é que tens inteligência.</p> <p><b>5</b> Quem deu as medidas para ela, se é que o sabes? Ou quem lhe lançou o cordel?</p> <p><b>6</b> Sobre que foram firmadas as suas base? Ou quem assentou a sua pedra angular,</p> <p><b>7</b> quando os astros da manhã me louvavam todos juntos, e quando todos os filhos de Deus estavam transportados de júbilo?</p> <p><b>8</b> Quem pôs diques ao mar para o ter encerrado, quando ele transbordava saindo como do ventre de sua mãe:</p> <p><b>9</b> Quando lhe punha nuvem por vestidura, e o envolvia em obscuridade, como com envolvedouro de infância?</p> <p><b>10</b> Eu o encerrei nos limites que lhe prescrevi, e lhe pus ferrolhos, e portas:</p> <p><b>11</b> E eu lhe disse: Até aqui chegarás, e não passarás mais longe, e aqui quebrarás as tuas empoladas ondas.</p> <p><b>12</b> Acaso és tu o que depois do teu nascimento deste lei à estrela dalva, e o que mostraste à aurora o seu lugar?</p> <p><b>13</b> E tomaste a terra pelas suas extremidades, para fazê-la estremecer, e sacudir dela os ímpios?</p> <p><b>14</b> A figura impressa será restabelecida como o barro, e ficará como um vestido:</p> <p><b>15</b> Tirar-se-á aos ímpios a sua luz, e quebrar-se-á o seu excelso braço.</p> <p><b>16</b> Acaso entraste tu até o fundo do mar, e andaste passeando no mais profundo do abismo?</p> <p><b>17</b> Porventura abriram-se-te as portas da morte, e viste tu essas portas tenebrosas?</p> <p><b>18</b> Consideraste toda a extensão da terra? Declara-me, se sabes todas estas coisas.</p> <p><b>19</b> Em que caminho habita a luz, e qual é o lugar das trevas?</p> <p><b>20</b> Para que leves cada coisa aos seus lugares, e saibas as veredas da sua casa.</p> <p><b>21</b> Sabias tu então que havias de nascer? E tinhas averiguado o número dos teus dias?</p> <p><b>22</b> Entraste porventura nos tesouros da neve, ou viste os tesouros da saraiva?</p> <p><b>23</b> Que eu preparei para o tempo do inimigo, para o dia da guerra e da batalha?</p> <p><b>24</b> Por que caminho se difunde a luz, e se espalha o calor sobre a terra?</p> <p><b>25</b> Quem deu curso à tempestade impetuosa, e passagem ao estampido do trovão,</p> <p><b>26</b> para que chovesse sobre a terra sem homem, em deserto onde não mora nenhum dos mortais,</p> <p><b>27</b> para inundá-la, ainda que inacessível, e desolada, e que criasse as ervas com o seu verdor?</p> <p><b>28</b> Quem é o pai da chuva? Ou quem produziu as gotas do orvalho?</p> <p><b>29</b> De que seio saiu a geada? E quem gerou o gelo do céu?</p> <p><b>30</b> As águas se endurecem a modo de pedra, e a superfície do abismo se aperta.</p> <p><b>31</b> Acaso poderás tu ajuntar as brilhantes estrelas Plêiadas ou poderás impedir a revolução do Arcturo?</p> <p><b>32</b> Acaso és tu o que fazes aparecer a seu tempo o luzeiro, ou que se levante de tarde o Véspero sobre os filhos da terra?</p> <p><b>33</b> Acaso entendes a ordem do céu, e darás tu disso a razão estando na terra?</p> <p><b>34</b> Levantarás porventura a tua voz até às nuvens, e te cobrirá um dilúvio de água?</p> <p><b>35</b> Porventura enviarás os relâmpagos, e irão, e te dirão quando voltarem: Aqui estamos?</p>	<p><i>Um anjo fala a Jó em nome de Deus, que alega as obras da criação para estabelecer o abismo que há entre Criador e criatura. Demonstra que a sabedoria divina deve levar Jó à humildade.</i></p>

<p><b>36</b> Quem pôs a sabedoria no coração do homem? Ou quem deu inteligência ao galo?</p> <p><b>37</b> Quem contará o modo de proceder dos céus, e quem fará cessar a harmonia do céu?</p> <p><b>38</b> Quando se fundia o pó, em massa de terra, e se formavam os seus torrões?</p> <p><b>39</b> Porventura caçarás tu presa para a leoa, e saciarás a fome das suas crias,</p> <p><b>40</b> quando estas estão deitadas nos seus covis, a à espreita nas suas cavernas?</p> <p><b>41</b> Quem prepara ao corvo o seu sustento, quando os seus filhinhos, vagueando gritam a Deus, por não terem que comer?</p>	
<p><b>39 32</b> Porventura o que disputa com Deus, tão facilmente o deixa? Por certo o que argüi a Deus deve responder-lhe.</p> <p><i>Humilde resposta de Jó</i></p> <p><b>33</b> Jó respondendo ao Senhor, disse:</p> <p><b>34</b> Eu que tenho falado com leveza, que coisa posso responder? Porei a minha mão sobre a minha boca.</p> <p><b>35</b> Uma coisa tenho falado, que oxalá não a houvera dito: e outra também, às quais nada mais acrescentarei.</p>	
<p><i>Segundo discurso do Senhor</i></p> <p><b>40</b> E respondendo o Senhor a Jó, do meio de um redemoinho, disse:</p> <p><b>2</b> Cinge os teus lombos como homem. Eu te perguntarei: e me responderás.</p> <p><b>3</b> Porventura farás tu vão o meu juízo: e me condenarás a mim, por te justificares a ti?</p> <p><b>4</b> E se tens braço como Deus, e trovejas com voz semelhante?</p> <p><b>5</b> Reveste-te de formosura, e levanta-te em alto, e atavia-te de glória, e adorna-te de magníficos vestidos.</p> <p><b>6</b> Dissipa os soberbos no teu furor, e humilha os insolentes com um só olhar.</p> <p><b>7</b> Põe os olhos em todos os soberbos, e confunde-os, e quebranta aos ímpios no seu lugar.</p> <p><b>8</b> Esconde-os no pó a um mesmo tempo: e mergulha no sepulcro as suas cabeças:</p> <p><b>9</b> E eu confessarei que poderá salvar-te a tua destra.</p> <p><b>10</b> Considera a Beemot, que eu criei contigo, comerá feno como o boi.</p> <p><b>11</b> A sua fortaleza está nos seus lombos, e o seu vigor no umbigo do seu ventre.</p> <p><b>12</b> Aperta a sua cauda como cedro, os nervos dos seus testículos estão entrelaçados um no outro.</p> <p><b>13</b> Os seus ossos são como canas de bronze, e as suas cartilagens como umas lâminas de ferro.</p> <p><b>14</b> Ele é o princípio dos caminhos de Deus; aquele que o fez, aplicará a sua espada.</p> <p><b>15</b> Os montes lhe produzem ervas: e todas as alimárias do campo virão ali retouçar.</p> <p><b>16</b> Dorme à sombra no esconderijo dos canaviais, e em lugares úmidos.</p> <p><b>17</b> As sombras cobrem a sua sombra, os salgueiros da torrente o rodearão.</p> <p><b>18</b> Ele absorverá um rio, e não o terá por excesso: e ele se promete que o Jordão entrará pela sua boca.</p> <p><b>19</b> Nos seus olhos como um anzol o apanhará, e com paus agudos furará os seus narizes.</p> <p><b>20</b> Porventura poderás tirar com anzol o Leviatã, e ligarás a sua língua com uma corda?</p> <p><b>21</b> Porventura porás argola nos seus narizes, ou furarás a sua queixada com anel?</p> <p><b>22</b> Porventura multiplicará muitos rogos para contigo, ou te dirá palavras brandas?</p> <p><b>23</b> Porventura fará ele concertos contigo, e recebê-lo-ás tu por escravo para sempre?</p> <p><b>24</b> Porventura brincarás com ele como com um pássaro, ou o atarás para as tuas servas?</p> <p><b>25</b> Parti-lo-ão em troços os teus amigos, dividi-lo-ão os negociantes?</p> <p><b>26</b> Porventura encherás redes com a sua pele, e nassa de peixes com a sua cabeça?</p> <p><b>27</b> Põe a tua mão sobre ele: lembra-te da guerra, e não continues mais a falar.</p> <p><b>28</b> Ele enfim se enganará nas suas esperanças e será precipitado à vista de todos.</p>	<p><i>Deus continua a mostrar sua imensa superioridade falando de sua criação, Beemot, o mais potente dos animais, o “princípio dos caminhos de Deus”.</i></p>
<p><b>41</b> Não como o cruel o despertarei eu: porque quem pode resistir ao meu semblante?</p> <p><b>2</b> Quem me deu a mim antes, para que eu haja de retribuir-lhe? Quanto há debaixo do céu, meu é.</p> <p><b>3</b> Não lhe terei respeito a ele nem às suas palavras eficazes, e compostas para rogar.</p> <p><b>4</b> Quem descobrirá a superfície do seu vestimento? E quem entrará no meio da sua boca?</p> <p><b>5</b> Quem abrirá as portas do seu rosto? Em roda dos seus dentes está o terror.</p> <p><b>6</b> O seu corpo é como escudos fundidos, apinhoados de escamas que se apertam.</p> <p><b>7</b> Uma está unida à outra, de sorte que nem um assopro passa por entre elas:</p> <p><b>8</b> Uma com a outra estará pegada, e juntas entre si de nenhuma maneira se separarão.</p> <p><b>9</b> O seu espírito é resplendor do fogo, e os seus olhos como as pestanas da aurora.</p>	<p><i>Deus descreve o Leviatã, monstro indomável pelos poderes da terra, que é o “rei de todos os filhos da soberba.”</i></p>

<p><b>10</b> Da sua boca saem umas lâmpadas como tochas de fogo acesas.  <b>11</b> Dos seus narizes sai fumo, como o de uma panela incendiada e que ferve.  <b>12</b> O seu hálito faz incender os carvões, e da sua boca sai chama.  <b>13</b> No seu pescoço fará assento a fortaleza, e adiante dele vai a fome.  <b>14</b> Os membros do seu corpo bem unidos entre si: enviará raios contra ele, e não o farão mover para outro lugar.  <b>15</b> O seu coração se endurecerá como pedra e se apertará como bigorna de ferreiro.  <b>16</b> Quando se elevar temerão os anjos, e espantados se purificarão.  <b>17</b> Ainda quando uma espada o alcançar, não valerá ela contra ele, nem lança nem couraça.  <b>18</b> Porque ele reputará o ferro como as palhas e o metal, como um pau podre.  <b>19</b> Não o fará fugir homem frecheiro, as pedras da funda se tornarão em palhas.  <b>20</b> Reputará o martelo como uma aresta, e se rirá do vibrar da lança.  <b>21</b> Os raios do sol estarão debaixo dele, e ele andarà por cima do ouro como por cima do lodo.  <b>22</b> Fará ferver o fundo do mar como uma panela, e o tornará com quando ferverem ungüentos.  <b>23</b> A luz brilhará sobre as suas pegadas, e reputará o abismo como cheio de cãs.  <b>24</b> Não há poder sobre a terra, que se lhe compare, pois foi feito para que não temesse a nenhum.  <b>25</b> Todo o alto vê, ele é o rei de todos os filhos da soberba.</p>	
<p><b>42</b> E respondendo Jó ao Senhor, disse:  <b>2</b> Sei que tudo podes, e que nenhum pensamento te é oculto.  <b>3</b> Quem é esse que falto de ciência encobre o conselho? Por isso eu tenho falado nesciamente, e o que sem comparação excedia a minha ciência.  <b>4</b> Ouve, e eu falarei. Perguntar-te-ei, e responde-me.  <b>5</b> Eu te ouvi por ouvido de orelha, mas agora te vê o meu olho.  <b>6</b> Por isso me repreendo a mim mesmo, e faço penitência no pó e na cinza.</p>	<p><i>Jó admite que se excedeu e se humilha perante Deus.</i></p>
<p><b>EPILOGO</b>  <i>Os amigos são censurados e Jó cumulado de bens</i>  <b>7</b> E depois que o Senhor falou daquela sorte a Jó, disse para Elifaz de Teman. O meu furor se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos, porque vós não falastes diante de mim o que era reto, como falou o meu servo Jó. <b>8</b> Tomai pois sete touros, e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferecei holocaustos por vós. O meu servo porém orará por vós: admitirei propício a sua face, para que se vos não impute esta estultícia: porque vós não falastes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.  <b>9</b> Foram pois Elifaz de Teman, e Baldad de Su, e Sofar de Naamat, e fizeram como o Senhor lhes tinha dito, e o Senhor atendeu a Jó. <b>10</b> O Senhor também se deixou dobrar à vista da penitência de Jó, quando orava pelos seus amigos. E o Senhor lhe tornou em dobro tudo o que ele antes possuía. <b>11</b> E vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos os que antes o haviam conhecido, e comeram com ele pão em sua casa: e moveram sobre ele a cabeça, e o consolaram de todas as tribulações que o Senhor lhe havia enviado: e cada um deles lhe deu uma ovelha, e umas arrecadas de ouro.  <b>12</b> Mas o Senhor abençoou a Jó no seu último estado ainda mais do que no seu princípio. E chegou ele a ter catorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil juntas de bois, e mil jumentas.  <b>13</b> Teve também sete filhos, e três filhas. <b>14</b> E chamou o nome da primeira Dia; e o nome da segunda Cássia, e o nome da terceira Cornustíbio. <b>15</b> E não foram achadas em toda a terra mulheres tão formosas como as filhas de Jó. E deu-lhes seu pai herança entre seus irmãos.  <b>16</b> Depois disso viveu Jó cento e quarenta anos, e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos até a quarta geração, e morreu velho e cheio de dias.</p>	

(Excertos selecionados por José Monir Nasser da Bíblia Sagrada, Editora Barsa, 1975, tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo).